



C Â M A R A M U N I C I P A L D E L I S B O A

VOTO DE PESAR N.º 35/2018

HELENA ALMEIDA

Maria Helena de Castro Neves de Almeida nasceu em Lisboa, em 1934, filha do artista, Escultor e Professor Mestre Leopoldo de Almeida, e de sua mulher Marina de Sousa Neves e Castro; esteve desde cedo em contacto com diferentes manifestações artísticas quer pelo círculo de amigos de seus pais, que recebiam os mais destacados artistas portugueses em sua casa, quer pelas viagens pela Europa realizadas em família. Do núcleo familiar, todos os filhos seguiram vocações artísticas e criativas, sendo que o irmão Leopoldo Castro de Almeida será arquiteto, e Manuela Almeida, precocemente falecida, também enveredará pela Pintura.

Será através da pintura que Helena Almeida encontrará o seu lugar nas Artes quer em Portugal quer no Estrangeiro, formando-se na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa em 1955. Mesmo antes da conclusão do curso, casa com o arquiteto e escultor Artur Rosa.

Foi Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris nos anos de 1959 e 1964, sendo essa experiência internacional provavelmente responsável pelo contacto próximo com a arte abstrata, de modo destacado com a obra de Lucio Fontana, que a influencia nas suas composições, de gosto geométrico e abstratizante, e onde é constante o questionamento do espaço pictórico e exploração dos limites físicos da pintura, das quais dará evidente sinal nas composições projetadas para a sua primeira exposição individual em 1967, na Galeria Buchholz, em Lisboa.

Nos finais dos anos 60, e durante todo o seu percurso posterior, o seu trabalho proporá uma intensa reflexão sobre a representação do corpo em relação com o espaço e a pintura, com ressaltos para as sombras e os movimentos físicos, transformando a pintura num objeto.

As técnicas sucedem-se, incluindo também o desenho, a gravura, até chegar à instalação e à utilização da fotografia e do vídeo. Disto dará prova em 1977, aquando da sua participação na exposição Alternativa Zero, onde anexa diferentes elementos a uma série de fotografias, explorando os limites da tela através de sombras e cores e expressão de movimentos em registo fotográfico. Neste período inicia-se também o seu reconhecimento quer nacional quer internacional.

Será nos anos 90 que a fotografia se assume como meio e suporte de eleição para a sua criação artística, sem no entanto se deixar de se considerar acima de tudo pintora, registando ações em espaços concretos, numa tentativa de ultrapassar os limites corpóreos pela agregação de cor com forte componente significativa, seja azul, vermelho ou negro, e afirmando-se como artista plenamente contemporânea, origem e fonte de toda a sua arte: *“Tudo estava em tudo, e eu compreendia isso, que era global. Que tudo estava em tudo, que a tela estava totalmente em mim da mesma forma que eu estava completamente na tela”*, dirá em 2000.



C Â M A R A M U N I C I P A L D E L I S B O A

O processo criativo em Helena Almeida é vivencial, mas sobretudo íntimo e comprometido; por um lado, o local de realização das obras é o atelier em Campo de Ourique herdado de seu pai, lugar onde cresceu, tendo posado muitas vezes para o notável escultor, e que considerava o seu mundo; e não é indiferente que seja o seu marido Artur Rosa o autor das fotografias da artista que lhe servem de suporte, tendo também ele posado com a sua mulher como se de um outro eu e seu limite se tratasse mas, no entanto, sem ser mais do que um meio em que ela atua, já que é Helena Almeida quem tudo conceptualiza e estrutura: *“É sempre ele. Porque é importante que as fotografias aconteçam no lugar físico em que eu as pensei e projectei. E como tal tem que ser alguém próximo de mim. Mas antes faço sempre desenhos das situações que quero fotografar. Aliás, a partir da década de 80 passo a usar o vídeo para experimentar, porque um gesto pode ser muito enganador: uma mão mais para o lado é já outra coisa. Então, ensaio primeiro com a câmara [...] Eu quero a fotografia tosca, expressiva, como registo de uma vivência, de uma acção”*.

São essas vivências de um espaço e de um corpo que constantemente desconstrói e desafia a marca primordial da sua obra, que não se isenta de uma intensidade poética, impressionantemente captável pelo observador que com ela se envolve num processo paradoxalmente íntimo.

Recebeu vários prémios ao longo da sua vida, de onde se podem destacar o 1.º Prémio de Desenho em Coimbra, 1969; o Prémio da Bienal de Vila Nova de Cerveira, 1984; o Prémio da Fundação Calouste Gulbenkian, 1984; o Prémio BESphoto, 2004; e o Prémio AICA em 2004. Foi a representante oficial portuguesa nas Bienais de São Paulo (1979) e Veneza (1982, onde voltará em 2005) e Sidney (2004).

Em 2003 foi também galardoada com a Ordem do Infante D. Henrique, no grau de Grande Oficial.

A sua obra está presente em muitas das mais destacadas coleções internacionais, e expôs ao longo da sua vida em importantes eventos e museus, com destaque para exposições antológicas e para as bienais de S. Paulo, Veneza e Sidney. Recentemente apresentou-se no Museu de Serralves com a exposição “A minha obra é o meu corpo, o meu corpo é a minha obra”, em 2015-2016, que posteriormente foi apresentada no Museu Jeu de Paume em Paris e no Wiels de Bruxelas, com o título “Corpus”; neste momento decorrem exposições de obras suas na Tate Modern de Londres e na Galeria Helga de Alvear em Madrid.

Helena Almeida, desaparecida inesperadamente num momento de amplo reconhecimento internacional da sua carreira e figura profundamente marcante para a Cultura e para a História das Artes Plásticas Portuguesas, foi uma extraordinária Artista que, sendo sobretudo pintora, assumiu um percurso transdisciplinar fundamental para a história da arte, da fotografia e da performance em Portugal.

Faleceu em Lisboa a 25 de Setembro de 2018, aos 84 anos.



C Â M A R A M U N I C I P A L D E L I S B O A

Assim, a Câmara Municipal de Lisboa presta a sua homenagem, manifestando um profundo pesar pelo falecimento de Helena Almeida, expressando à sua família, Marido, filhos, netos e bisnetos, e amigos, as mais sentidas condolências.

Paços do Concelho de Lisboa, aos 11 de outubro de 2018.

A Vereadora,

Catarina Vaz Pinto

Os Vereadores do CDS/PP

Os Vereadores do PCP